

**A utilização da música rock no
diálogo inter-religioso e intercultural**

**The use of rock music in
interreligious and intercultural dialogue**

*Flávio Lages Rodrigues*¹

RESUMO

O presente artigo analisa como a utilização da música *rock* no seu nascimento e, ainda hoje, está atrelada ao diálogo inter-religioso e intercultural, com significações sagradas e profanas, que podem ser imprimidas pelos jovens que estão nas tribos urbanas *headbangers* dos grandes centros urbanos. O objetivo principal desse artigo é mostrar como o *rock* pode aglutinar os jovens na produção musical e nos seus mais diversos gêneros, como também no contexto religioso atual. A metodologia proposta para esse trabalho é constituída por análise da referência bibliográfica e tem como teórico principal, o sociólogo Michel Maffesoli. Nossa hipótese é que, mesmo com a utilização do *rock* nas práticas religiosas e nas espiritualidades alternativas por igrejas e comunidades na atualidade, essa prática não parece ser nova, mas sinaliza justamente um retorno ao mesmo ponto de partida dos negros dos Estados Unidos, que utilizaram no nascimento da música *rock* este estilo musical para expressar seus gritos campais de libertação contra a escravidão, no contexto sagrado e profano, com o *blues* e com o *gospel*, possibilitando a abertura para o diálogo inter-religioso e intercultural.

¹ Doutorando e Mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas PPGCR, bolsista pela CAPES e membro do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura/CNPq desde 2015. Bacharel em Teologia e especialista em Teologia Sistemática pela Faculdade Teológica de Belo Horizonte - FATE-BH.

PALAVRAS-CHAVE:

Rock e Juventude. Música. Sociologia. Ciências da Religião. Teologia.

ABSTRACT

The present article analyzes how the use of rock music at its birth and still today is linked to the interreligious and intercultural dialogue, with sacred and profane significations, that can be impressed by the young people who are in the urban tribes headbangers of the great urban centers. The main objective of this article is to show how rock can bring young people together in music production and in their most diverse genres, as well as in the current religious context. The methodology proposed for this work is constituted by analysis of the bibliographical reference and has as main theoretician the sociologist Michel Maffesoli among other authors. Our hypothesis is that even with the use of rock in religious practices, and in alternative spiritualities by churches and communities today, this practice does not seem to be new. But it signals, precisely, for a return to the same starting point of the blacks of the United States, who used the birth of rock music, this musical style, to express their pitched screams of liberation against slavery, in the sacred and profane context, with the blues and with the gospel. This enabled openness to interreligious and intercultural dialogue.

KEYWORDS

Rock and Youth. Music. Sociology. Science of Religion. Theology.

Introdução

Pode parecer estranho ou soar de forma dissonante a linguagem da música *rock* aos ouvidos de muitos fiéis, líderes religiosos, igrejas e comunidades evangélicas na atualidade, mas o que percebemos é que o *rock* desde o seu nascimento sofre essa tensão tanto no âmbito religioso quanto cultural ao ter suas raízes no *blues* e no *gospel* dos negros que foram escravizados nos campos de algodão e utilizavam esse estilo musical como grito de libertação no aspecto social e também religioso.

O sagrado e profano permeiam a música *rock* desde seu nascimento, na década de 1940, e, ainda hoje, continuam a produzir os mesmos significados de seu nascimento, com inúmeras bandas de *rock* cristão, *rock* secular e, até mesmo, bandas de *rock* satânico. Dualidades quanto ao uso dessa música, como forma de libertação e protesto em várias áreas da vida, mostram o diálogo inter-religioso e intercultural com o *rock* na atualidade².

Outro fator que merece destaque é que o *rock*, em seu nascimento, sofria grande carga de preconceito racial, não só por esse estilo musical ir contra os interesses das elites dominantes e clamar por libertação, mas principalmente por partir dos negros que eram escravizados e desumanizados. Esse contexto de clamor por libertação dos negros nos Estados Unidos, que foram retirados do continente africano, para se tornarem escravos nos Estados Unidos e em outras partes do mundo, também pode ser observado nos relatos bíblicos, com a imigração de personagens como Abraão, Moisés, Rute, entre outros. Abraão deixou sua parentela e foi para um lugar distante, numa jornada de imigração (Gn 12,1-20)³. Moisés também sente o peso da imigração e da escravidão, quando seu povo é escravizado no Egito e ele é levantado como libertador de seus patrícios (Êxodo 3,1-22)⁴. Rute é outro exemplo de saída rumo ao desconhecido, quando ela sai de Moabe e habita em terra estrangeira (Rute 1,1-22)⁵.

Essa imigração e miscigenação dos tempos bíblicos também pode ser observada na constituição do povo norte-americano. Várias tribos indígenas já habitavam todo o continente americano. Depois vieram os colonizadores ingleses e posteriormente, a imigração de outros povos, inclusive os escravos africanos. Este último grupo sofreu e ainda sofre todo tipo de preconceito naquele país, o que aponta para a diversidade de povos, mas que na realidade não se traduz em igualdade de direitos e respeito a alteridade. Nas décadas seguintes ao nascimento do *rock*, os

² Ver outras pesquisas sobre *rock* na atualidade: TCC (RODRIGUES, 2005), livros (RODRIGUES, 2006), (RODRIGUES, 2007) e (RODRIGUES, 2018c), capítulo de livro (RODRIGUES, 2018a), Mestrado (RODRIGUES, 2018b) e artigos (RODRIGUES, 2017), (RODRIGUES, 2018d) e (RODRIGUES, 2019).

³ BÍBLIA Sagrada Revista e Corrigida. São Paulo: SBB, 2013.

⁴ BÍBLIA Sagrada Revista e Corrigida. São Paulo: SBB, 2013.

⁵ BÍBLIA Sagrada Revista e Corrigida. São Paulo: SBB, 2013.

jovens que utilizavam esse estilo musical acabaram destruindo as barreiras políticas, econômicas, sociais, culturais e religiosas, que insistiam em fazer separações entre as pessoas.⁶ Nessa construção sociológica juvenil, as tribalizações ou tribos urbanas deram um novo sentido para os jovens que participavam da cultura das cidades. Michel Maffesoli⁷ mostra que o sentimento de pertencimento, de estar juntos, a partilha das mesmas emoções e dos mesmos gostos é o que fundamenta o tempo presente. Neste caso, as pequenas tribos urbanas se formam na partilha da mesma língua ou linguagem específica do grupo, que é o que os une no mesmo ideal.

Portanto, o que veremos nesse artigo⁸ é que o *rock* pode ser utilizado tanto por jovens espalhados pelas mais diversas tribos urbanas de roqueiros na cidade de Belo Horizonte, quanto por líderes religiosos, igrejas e comunidades, como ocorreu com os pastores da Comunidade Caverna de Adulão⁹ que utilizaram esse estilo musical como elemento

⁶ BRANDINI, 2004, p. 7-8.

⁷ MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. A tribalização juvenil é fruto desse crescimento urbano, e as tribos urbanas são uma das formas de socialização e entretenimento da cultura juvenil. Para entender o pensamento do sociólogo francês Michel Maffesoli com as tribalizações se faz necessário entender as transformações que tangem a pós-modernidade e afetam as áreas, social, política, econômica, cultural e religiosa, bem como seus impactos na vida do ser humano e aqui em especial entre os jovens. Essas transformações também possibilitaram relacionamentos mais próximos com o tribalismo que une as pessoas nas partilhas, mesmos sentimentos, emoções e afetos. Assim, na visão de Maffesoli, as tribalizações juvenis ocorreram como resposta às instituições sociais, na quebra da rigidez dos relacionamentos sociais e do individualismo. Dentre as obras do autor Michel Maffesoli utilizadas na pesquisa sobre a Comunidade Caverna de Adulão, destacamos: Maffesoli (2010), Maffesoli (2004a), Maffesoli (2004b) e Maffesoli (2012).

⁸ Este artigo sobre a Comunidade Caverna de Adulão está ligado a pesquisa de mestrado em Ciências da Religião do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, com o tema: O FENÔMENO RELIGIOSO ENTRE OS JOVENS NAS TRIBOS URBANAS: uma análise da relação cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão – Belo Horizonte/MG, orientado pelo professor Dr Flávio Senra.

⁹ A Comunidade Caverna de Adulão iniciou suas atividades em 1992, quando alguns jovens e os pastores Fábio de Carvalho e Eduardo Lucas iniciaram trabalhos evangelísticos junto aos jovens que pertenciam as tribos urbanas *headbanbers* pelas ruas e praças de Belo Horizonte. Nessa época Belo Horizonte foi considerada a *capital do rock*, devido à grande quantidade de bandas de *rock* pesado de vários estilos que existiam pela cidade. Ocorria também uma grande divulgação dessas bandas através

socializador entre os jovens no início da comunidade. Essa abertura a elementos da cultura possibilitou aos jovens que se aderiam à comunidade expressar suas práticas religiosas no contexto da tribo urbana *headbanger*¹⁰, no qual fiéis e líderes religiosos passaram a respeitar essas novas práticas religiosas e espiritualidades alternativas que atendam às necessidades das gerações emergentes.

Possibilidades pós-modernas¹¹ para outros discursos

O crescimento das grandes cidades proporcionou novas possibilidades, para discursos diferenciados nas mais variadas áreas da vida

de *shows*, *fanzines*, *flyers* e gravações de fitas cassetes que eram o meio de divulgação e propagação do trabalho dessas bandas. Além das bandas que existiam na cidade muitas outras eram atraídas pela possibilidade de assinar contrato com a Cogumelo Records. Esta começou como uma loja de discos em 1980 e em 1985 se estabeleceu como gravadora. Gravou trabalhos de bandas como, Sepultura, *Sextrash*, Sarcófago, *Overdose*, *The Mist*, entre outras, o que colocou Belo Horizonte definitivamente no mapa dos grandes *shows* com bandas internacionais de *Hard Rock*, *Heavy Metal*, *Thrash Metal*, *Death Metal* e *Black Metal* entre outros estilos que passaram a se apresentar na cidade. A criação da Comunidade Caverna de Adulão ocorre em meio às grandes transformações na cidade com o *rock* como elemento socializador. A comunidade passou por várias partes da região centro-sul da capital e desde 2004 está estabelecida à rua Aimorés 482 no bairro Funcionários.

¹⁰ O termo *headbanger* é utilizado pelos fãs da cultura *heavy metal*, bem como de suas posteriores variações e subgêneros musicais. Ele surgiu por volta de 1970, na Inglaterra, e imigrou para os Estados Unidos. A banda inglesa *Black Sabbath* foi a precursora do estilo *heavy metal* e da incorporação nos *shows* da agressividade estética *headbanger*. A expressão tribo urbana *headbanger* é dada aos jovens que interagem em pequenos grupos ou tribos nos centros urbanos. Para esta tribo, a socialização gira em torno da sonorização com o *rock* pesado, na produção e no consumo dessa música entre os jovens. Estes também consomem uma variedade de roupas, calçados e acessórios, que em muitas vezes são definidos pelos membros da própria tribo. Durante os *shows*, estes jovens, dançam em círculo com o *mosh*, o que lembra as tribos indígenas em suas danças. No *mosh*, os jovens fazem a roda para dançar e dão socos e ponta pés ao ar. Também batem a cabeça, que é o significado literal para *headbanger*, com o movimento para cima e para baixo, jogando os cabelos ao ar, como o movimento violento da cabeça no ritmo da música.

¹¹ Para Maffesoli, a *pós-modernidade* é caracterizada pelo *tribalismo*. Este fenômeno é estudado por ele como fator de sociabilidade há mais de três décadas. Para ele, o que vale no tempo presente é a vida cotidiana e seus rituais, as emoções e paixões

humana, como a social, política, econômica, cultural e também a religiosa. Mudanças eclodiram em toda a sociedade e novas formas de saber e entender a vida surgiram. Na pós-modernidade, o pensamento e a práxis humana sofrem grandes transformações. Os antigos modelos que sustentaram a existência humana durante séculos são negados. Essa transformação também se observa na ciência e na tecnologia, que impulsionam o progresso. O pensamento pós-moderno nega qualquer estrutura que seja erigida sobre bases absolutas. “Não há ‘verdade’, apenas verdades. Não existe a razão suprema, somente há razões. Não há uma civilização privilegiada (nem cultura, crença, norma e estilo), há somente uma multidão de culturas, de crenças, de normas e estilos”¹².

Essas transformações trouxeram uma diversidade de possibilidades em todas as áreas da vida humana. No âmbito das práticas religiosas, também ocorreram aberturas e apropriações de elementos da cultura em nossos dias que, até poucas décadas atrás, não eram aceitos. O *rock* é um dos exemplos dessa abertura, onde as *novas* formas de linguagem e expressão, ícones, signos e outros objetos passam a ser utilizados pela e para a manifestação religiosa que, ao que tudo indica, inicia-se pelo uso do idioma ou língua do emissor para transmitir a mensagem ao receptor. A linguagem é o primeiro bem cultural de um povo. É a partir dela que significações são construídas e entendidas pelo grupo. Para Maffesoli¹³, a linguagem tem o poder de ligar os indivíduos às mais variadas redes sociais. “Sem nos pronunciarmos sobre o conteúdo dessa tendência, podemos considerar que a comunicação, ao mesmo tempo, verbal e não verbal, constitui uma vasta rede que liga os indivíduos entre si”¹⁴.

coletivas, simbolizadas pelo prazer de estar juntos. Ele ainda destaca como dois eixos essenciais, os aspectos ao mesmo tempo, *arcaico* e *juvenis* do tribalismo, e também a sua dimensão comunitária e a saturação do conceito de *Indivíduo*. Na sua visão essas são as duas raízes do tribalismo pós-moderno (MAFFESOLI, 2010). Utilizaremos o termo pós-modernidade em lugar de contemporaneidade.

¹² SALINAS, Daniel; ESCOBAR, Samuel. *Pós-Modernidade: novos desafios à Fé Cristã*. São Paulo: ABU, 1999, p. 25

¹³ MAFFESOLI, 2010, p. 139, observa que a comunicação ocorre de forma natural na sociedade. Ele utiliza o termo “sociedade natural” como paradoxal, ou seja, aquele que, mesmo ocorrendo de forma agressiva ou conflituosa, está aberta ao reagrupamento.

¹⁴ MAFFESOLI, 2010, p. 139.

Neste ponto, vemos que a linguagem ou mesmo a comunicação nas suas mais variadas formas expressam a experiência interna do grupo, reforçam os limites da comunidade e ajudam em sua construção ética. O *ethos*¹⁵, no contexto da Comunidade Caverna de Adulão, se constitui a princípio com os jovens que não se enquadram nos modelos de igrejas tradicionais e se refugiam nessa comunidade para expressar sua prática religiosa em linguagem e cultura própria. Entendemos que os elementos culturais e religiosos são construídos por homens e mulheres em seus contextos sociais, pois “não há como ignorar a cultura, ainda mais por ela não ser estática, pois sempre está em processo de transformação”¹⁶. Nesse aspecto, os jovens que utilizam o *rock* e a religião fazem uma releitura de um estilo musical para manifestar suas práticas religiosas, tornando-as acessíveis aos que recebem a mensagem. Portanto, aquilo que começou com os gritos campais de libertação dos negros americanos nos campos de algodão com o *gospel* e o *blues* abriu posteriormente para os jovens com o *rock* e seus gêneros para expressar sua rebeldia, contestação e insatisfação diante de uma sociedade opressora e injusta.

Rock, leituras do profano e do sagrado

Desde a sua criação o *rock* teve forte ligação à rebeldia, contestação e busca por libertação diante da opressão em que os negros viviam com a escravidão nos Estados Unidos. Esses gritos por libertação, começados com o *blues* como música profana e com o *gospel* como música sagrada, ecoam ainda hoje com o *rock* e seus diversos gêneros, mostrando o poder de transformação da música negra, como no caso do *blues*, desde o seu fundamento.

A ligação do indivíduo a várias redes culturais, também ocorreu com o surgimento do *rock*, em 1940, nos Estados Unidos, com as canções de trabalho e gritos campais dos negros americanos que trabalhavam nos campos de algodão. Eles clamavam por liberdade e utilizaram a música

¹⁵ O significado original de *ethos* remete a língua grega como *morada*, *covil*, ou *abrigo* dos animais.

¹⁶ RODRIGUES, Flávio Lages. *O rock na evangelização*. Rio de Janeiro: MK, 2006, p. 70.

como instrumento de protesto tanto no contexto secular quanto no religioso. De acordo com Baggio, os negros “deram desenvolvimento ao *blues* (tristeza) como música secular e ao *gospel* (evangelho) como música sacra”¹⁷. Para Calvani¹⁸, o nascimento do *rock* ocorre com a evolução dos negros *spirituals* e do *blues* e sempre esteve associado a rebeldia e contestação. Do mesmo modo, Paul Friedlander¹⁹, sinaliza para a força da música negra com o *blues* rural, depois com o *blues* urbano e com o *gospel*, o que mostra na criação da música *rock* uma espiritualidade não religiosa²⁰, que impulsionou os seus adeptos a viverem em comunidade, solidariedade e na partilha dos mesmos sofrimentos, como válvula de escape para as incertezas e decepções na vida.

De acordo com Friedlander, “no início do século XX, o *blues* existiu de inúmeras formas diferentes”²¹. Para ele, o próprio *blues* se reinventou ao sair do meio rural em direção aos centros urbanos. A vida nas cidades e os problemas sociais advindos da Segunda Guerra Mundial possibilitaram essa nova leitura da vida com o *blues urbano*.

As apresentações de *blues* rural sulista nas varandas, nos bares de beira de estrada, ou na praça das cidades perderam importância na década que se seguiu à Segunda Guerra Mundial – até serem substituídas pelos *blues* urbano do Norte e Oeste. O centro passou a ser os bares enfumacados da região sul de Chicago, assim como outras áreas urbanas e palcos teatrais. Uma maciça migração negra durante a Depressão e os anos da Segunda Guerra Mundial criaram um grande número de comunidades afro-americanas nos centros urbanos do

¹⁷ BAGGIO, Sandro. *Revolução na música gospel: um avivamento musical em nossos dias*. São Paulo: Exodus, 1997, p. 43

¹⁸ CALVANI, Carlos Eduardo B. *Teologia e MPB*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 211.

¹⁹ FRIEDLANDER, Paul. *Rock and Roll: uma história social*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2017, p. 32-33.

²⁰ Em pesquisas realizadas e outras em andamento com os sem religião, no Grupo de Pesquisa Religião e Cultura, na linha de pesquisa Religião e Contemporaneidade (RCO), do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, conceituamos a experiência de indivíduos que se intitulam na categoria de espiritualidade não religiosa. Ao nosso ver, esta categoria se dá com o grupo de indivíduos, que afirmam ter um certo tipo de espiritualidade, mas sem vínculo com alguma instituição religiosa.

²¹ FRIEDLANDER, 2017, p. 32

Norte do país ao final da guerra em 1945. As novidades e a alienação da existência urbana, a ausência do lar e da família – e de seu apoio emocional e material ajudaram a criar o cenário no qual o blues urbano floresceu²².

O *blues urbano* se desenvolveu como uma música de lamento ou escape para as adversidades da vida, um tipo de *limpeza mental*, que trazia alegria e esperança diante das incertezas e da opressão. Na visão de Friedlander, uma outra raiz negra do *rock* e não menos importante foi a música *gospel*.

Um estilo vocal emocionado e de complexidade harmônica caracterizou uma segunda, e importante, raiz negra do rock and roll, a música religiosa chamada *gospel*. Este estilo musical tem suas raízes na “igreja invisível” do final do período da escravidão, e era um formato que incluía palmas, chamado-e-resposta, complexidade rítmica, batidas persistentes, improvisação melódica e acompanhamento com percussão²³.

Percebemos como a música foi muito importante para os negros americanos e como através dela ocorreram várias socializações e possibilidades para outros tipos de diálogos não só intercultural, mas também inter-religioso com a mistura de etnias. Nesse percurso verificamos a potência da música negra, que começa nos Estados Unidos com o *blues rural*, posteriormente chega a cidade com o *blues urbano* e finaliza com o *gospel* como bases para o *rock*. Observamos que nessa constante mistura e troca de culturas outros elementos culturais e étnicos poderiam ser incorporados ao *rock*, como ocorreu com a música *folk* e o *country* dos brancos.

O folk e a música country, tradicionais estilos brancos – e eles mesmos uma síntese de formas brancas e negras –, também contribuíram com ingredientes importantes para o início do rock and roll. Em meados dos anos 50, o rockabilly, uma fusão sulista e branca da música

²² FRIEDLANDER, 2017, p. 32

²³ FRIEDLANDER, 2017, p. 33.

country, do blues, do gospel e do rhythm and blues, proporcionou a catálise musical e emocional para que muitos brancos ultrapassassem os limites da tradicional música country e entrassem na era do rock and roll²⁴.

Não são raras as vezes que observamos o ser humano agir a cada época pelo sentimento de pertencimento, na partilha dos mesmos gostos, sensações e afetos²⁵. Na visão de James Robertson, o fascínio por temas religiosos com bandas de *rock* pesado começou de forma mais explícita e intensa em 1970 com a banda inglesa *Black Sabbath* mais foi intensificado com outras bandas nos anos 80 e 90 e continua ainda hoje.

Desde seus primórdios, a religião tem sido uma parte central do metal. O Black Sabbath, os fundadores do gênero, raramente tocava sem o icônico crucifixo, um sinal em contradição com sua obsessão pela magia negra. Durante os anos 80 bandas como Slayer, Sepultura, Venom, Bathory e Possessed levaram o gênero a novos extremos, e o fascínio pela religião se tornou mais óbvio²⁶.

O que observamos nesse aspecto é que havia uma socialização, com o sentimento de pertencimento dos negros e brancos americanos com o *rock*. Isso também mostra um diálogo inter-religioso e intercultural, no qual a música possibilita novas linguagens e manifestações culturais. Inclusive, com a possibilidade de utilização do *rock*, não apenas pelo estilo *gospel* ou cristão em sua diversidade, mas principalmente com sua utilização no contexto satânico por bandas e adeptos do estilo *Black Metal*. Isso foi possível pelas novas ressignificações que os jovens deram ao *rock*, logo após o seu nascimento em 1940. Começava, nessa época, uma identidade que passava pela atitude, postura e estética, que foi abraçada pelos jovens a partir de 1950.

²⁴ FRIEDLANDER, 2017, p. 31

²⁵ MAFFESOLI, 2010, p. 11.

²⁶ ROBERTSON, James. Death metal: A “pipeline to God”? *Social Science Research Council*. New York, 2010. Disponível em: <<http://tif.ssrc.org/2010/08/19/pipeline-to-god>>. Acesso em: 29 out. 2018.

Na era do homem de empresa, na qual os pais trabalhadores se esforçavam para ter seu lugar e se conformar, o rock se tornou um catalisador para os adolescentes formarem sua própria identidade de grupo – um companheirismo entre aqueles que gostam da música e se identificavam com ela²⁷.

Atualmente, a sociabilidade em torno da música *rock* cria laços que são compartilhados cada vez mais pelo grupo e não ficam estritos apenas ao estilo musical. Na visão de Maffesoli, a socialização cria partilhamento, onde os ideais apontam para uma adolescência prolongada, com o sentimento ou sensação de jovialidade em todas as faixas etárias. “O falar jovem, o vestir-se de jovem, os cuidados com o corpo, as histerias sociais são, amplamente, compartilhados. Cada um, quaisquer que sejam sua idade, sua classe, seu status, é, mais ou menos, contaminado pela figura da ‘criança eterna’”²⁸.

Para Airton Luiz Jungblut, ao mesmo tempo que o *rock* entra nas instituições religiosas, ocorre ainda a tensão relacionada a este estilo musical, devido a sua associação, em geral, com práticas tidas como anticristãs, como o uso de drogas, sexo, rebeldia ou mesmo a simpatia pelo satanismo²⁹.

Tendo, pois, esse quadro em vista, busca-se aqui discutir os problemas identitários que surgem nesse processo, atentando, especificamente, para a utilização do rock (o chamado “rock gospel”) entre jovens evangélicos. Como conseguem instalar no interior do mundo evangélico esse estilo musical até ontem tão difícil de ser digerido pelas instituições que representam essa modalidade de cristianismo? Como eles lidam identitariamente com algumas práticas e atitudes que acompanham a cultura “rock and roll” como o sexo desregrado, o consumo de drogas, a rebeldia e até, em alguns casos, alguma

²⁷ FRIEDLANDER, 2017, p. 46

²⁸ MAFFESOLI, 2010, p. 8-9

²⁹ Trata-se, na verdade, de uma imagem estereotipada, muitas vezes fundada em preconceitos contra o gênero musical do *rock*, mas que se encontra difundida no senso comum. Além disso, é importante ressaltar que a música *rock* desenvolveu-se em diversos subgêneros bastante distintos entre si, e que traços como o “satanismo”, o “paganismo” e o “anticristianismo” são exclusivos do *black metal*, uma vertente extrema e mais radical do *heavy metal*.

simpatia pelo satanismo? Que compósito identitário resulta desse inusitado encontro entre esses dois universos culturais aparentemente tão inconciliáveis?³⁰

Essa tensão quanto a utilização do *rock* pelos jovens cristãos não acontece somente no meio evangélico. Os jovens que estão nas tribos urbanas *headbanger* com a cena alternativa e *underground*³¹ secular ou simplesmente expressada por eles como *movimento*³² também não aceitam que o *rock* seja apropriado pelos jovens no contexto cristão.

Mesmo com a liberalização dos usos e costumes que, como já dito, está associada ao grande crescimento do rebanho evangélico brasileiro, o *rock* ainda é algo difícil de ser digerido por muitos crentes

³⁰ JUNGBLUT, Airton Luiz. *A salvação pelo Rock: sobre a “cena underground” dos jovens evangélicos no Brasil. Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, 2007, p. 146. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872007000200007>. Acesso em: 28 out. 2018.

³¹ A palavra *underground* tem seu significado como subterrâneo, abaixo do solo e está ligada as ramificações do metrô de Londres com suas ligações e meio de transporte debaixo da terra. Em termos sociológicos, a palavra *underground* designa uma cultura que não é divulgada pelos meios de comunicação de massas, ela se estabelece como subterrânea, clandestina, marginal ou oculta diante de um grupo social ou mesmo de toda uma sociedade. Esse tipo de cultura foge dos padrões estereotipados e conhecidos pela sociedade. Isso proporciona a criação de contraculturas que ocorrem dentro de uma cultura maior no *mainstream*, mas fora dos modismos, da mídia e totalmente *underground*. A contracultura *underground* sinaliza também de algum modo para uma vanguarda cultural, ao passo que, ela se torna politicamente, uma cultura de resistência. Esta resistência entre duas culturas foi observada por Maffesoli (2010a, p. 01), ele sinaliza para duas culturas dentro de uma mesma cultura. De um lado ele mostrou os “proprietários da sociedade” como “poder instituído” e que têm o poder de decisão e mudança. Por outro lado, ele mostra a “potência instituinte” que fica à margem da tomada de decisões e assim do poder. “Em suma, o *poder instituído*, sob suas diversas formas: cultural, religiosa, social, econômica, contra a *potência instituinte*” (MAFFESOLI, 2010a, p. 01). Podemos ver que, para Maffesoli, há uma tensão dentro da cultura no que se refere às manifestações culturais. O que não é aceito pelo “poder instituído”, pode ser sufocado como foi com o *rock*, as tribos urbanas *headbanger* e outras tribos urbanas juvenis décadas passadas.

³² A socialidade que ocorre entre os jovens que estão nas tribos urbanas é autodenominado por eles como *movimento*. O afeto e o sentimento de pertencimento ajudam a amarrar e unir os fios dessa trama social. Possibilitando aos jovens que se unem de forma eletiva aderirem ou não aos *movimentos punk, headbanger, hip hop, skatista, reggae, soul, funk*, entre outros.

que o associam a uma mundanidade impossível de ser domesticada para fins evangelísticos. Para muitos desses crentes, o rock é algo escancaradamente demoníaco e o envolvimento com essa música é algo com que não querem compactuar, pois temem a degeneração moral dos jovens de suas igrejas³³.

O individualismo que era a base da Modernidade agora abre caminho para uma socialidade em direção ao outro. Essa transição do individualismo na Modernidade para o coletivo Contemporâneo aponta para as manifestações sociais e para o partilhamento cultural e religioso. “Basta ver a importância da moda, do instinto de imitação, das pulsões gregárias de todos os tipos, das múltiplas histerias coletivas, dos agrupamentos musicais, esportivos, religiosos, dos quais tenho frequentemente falado, para se convencer do contrário”³⁴.

O *rock* torna-se um elemento de interação social junto às tribos urbanas e realiza a função de ajuntamento dentro desses grupos. Essa coletividade participativa foi o que Maffesoli denominou como tribos urbanas: “Em face da anemia existencial suscitada por um social racionalizado demais, as tribos urbanas salientam a urgência de uma sociedade empática: partilha das emoções, partilha dos afetos”³⁵. O tribalismo, então, quebra a rigidez nos laços sociais e possibilita novas redes de relacionamentos, onde o grupo social torna-se dinâmico e orgânico. “O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda a vida social”³⁶.

Tanto o *rock* em seu nascimento como instrumento de protesto quanto as tribos urbanas na contracultura mostram o não conformismo aos padrões culturais impostos pela sociedade. Esse inconformismo ocorre por vezes na cultura e na religião, razão pela qual modelos *undergrounds* e alternativos emergem e apresentam uma cultura ou culturas dentro da própria cultura. Com o individualismo crescente na Modernidade todas as manifestações são passíveis de certa autonomia e liberdade para

³³ JUNGBLUT, 2007, p. 148

³⁴ MAFFESOLI, 2010, p. 12

³⁵ MAFFESOLI, 2010, p. 11

³⁶ MAFFESOLI, 2010, p. 11.

novas experimentações. Agora, a cultura e a religião não são as bases normativas que dão sentido à vida das pessoas. Estas buscam suas próprias experiências, as que melhor se adaptem ao seu modo de vida, com liberdade e autonomia, não aceitando mais nenhuma imposição daquelas instituições que eram o modelo ético e moral. “A ênfase incide, então, muito mais sobre o que une do que sobre o que separa. Não se trata mais da história que construo, contratualmente associado a outros indivíduos racionais, mas de um mito do qual participo”³⁷.

De acordo com Émile Durkheim, essa participação no âmbito religioso advém da necessidade de uma representação cosmológica da humanidade:

Os homens foram obrigados a formar noção do que é religião, bem antes da ciência das religiões ter podido instituir suas comparações metódicas. As necessidades da existência obrigam-nos a todos, crentes e incrédulos, a representar, de alguma maneira, as coisas no meio das quais vivemos, sobre as quais temos sempre julgamentos a fazer e que devemos considerar no nosso comportamento³⁸.

Ainda na visão de Durkheim, observa-se o caráter divisível da religião pelo fato da mesma ser um todo, formado por unidades: “um sistema mais ou menos complexo de mitos, dogmas, ritos, cerimônias. Ora, um todo só pode ser definido em relação às partes que o formam”³⁹.

Os movimentos juvenis nas tribos urbanas e o *rock* na sociedade atual apontam para novas formas de cultura e religião. Isso ocorreu pelo processo de individualização, ou seja, justamente por observar a religiosidade em partes, o que possibilita novas experiências, práticas e novos sentidos para compreender a origem dos fenômenos religiosos e suas transformações. Na diversidade religiosa e no “*self service*” de possibilidades do Senso Religioso Contemporâneo, Durkheim argumenta se a prática religiosa não caminha no futuro para a um culto individual:

³⁷ MAFFESOLI, 2010, p. 37.

³⁸ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1989, p. 53

³⁹ DURKHEIM 1989, p. 67.

Todos os cultos parecem, por definição, independentes de qualquer ideia de grupo. E não apenas essas religiões individuais são muito frequentes na história, mas alguns se perguntam hoje se elas não são chamadas a se tornarem a forma eminente da vida religiosa e se não virá um dia em que não haverá outro culto senão aquele que cada um fará livremente no seu íntimo⁴⁰.

O *rock*, como manifestação social, cultural e religiosa, desde o seu nascimento nas décadas de 1940 e 1950, mostra como havia uma tensão da classificação das coisas entre profano e sagrado. No contexto de marginalização e opressão dos negros norte-americanos nas plantações de algodão, surgia o *blues* como música secular e o *gospel* como música sagrada. Ambos os estilos, apesar de serem instrumentos de libertação, eram antagônicos. Durkheim mostra essas tensões quanto ao uso de objetos profanos e sagrados “supõem uma classificação das coisas, reais e ideais, que os homens representam, em duas classes ou em dois gêneros opostos, designados, geralmente por dois termos distintos traduzidos, relativamente bem, pelas palavras *profano* e *sagrado*”⁴¹. Ainda segundo Durkheim, “por coisas sagradas, não se devem entender simplesmente esses seres pessoais que chamamos deuses ou espíritos; um rochedo, uma árvore, uma fonte, uma pedra, uma peça de madeira, uma casa, enfim, qualquer coisa pode ser sagrada”⁴².

O sagrado ocorre no âmbito religioso, com os fins que os homens como transformadores da cultura dão aos objetos. “O círculo dos objetos sagrados não pode pois ser determinado de uma vez por todas; sua extensão é infinitamente variável conforme as religiões”⁴³. Não somente na religião os objetos sagrados não podem ser determinados pela sua vasta riqueza de significação. Também na sociedade existem vários ícones, signos e práticas que não esgotam a sua riqueza e acabam por sinalizar os inúmeros sentidos da manifestação cultural e religiosa da comunidade ou do grupo. Nesse caso, o *rock* foi analisado como um estilo musical que transcendeu seu contexto original na cultura e na religião, possibilitando

⁴⁰ DURKHEIM, 1989, p. 78.

⁴¹ DURKHEIM, 1989, p. 68

⁴² DURKHEIM, 1989, p. 68

⁴³ DURKHEIM, 1989, p. 68

novas ressignificações quanto à sua utilização, constituindo ainda hoje no fenômeno religioso entre os jovens nas tribos urbanas contemporâneas.

Essa apropriação do *rock* como objeto sagrado mostra que a diferenciação entre sagrado e profano se dá pelo fim que as pessoas dão aos objetos. Os objetos sagrados, se tornam separados e, por isso, se transformam em algo especial.

Em primeiro lugar, a vida religiosa e a vida profana não podem coexistir no mesmo espaço. Para que a primeira possa desenvolver-se, é preciso arranjar-lhe lugar especial do qual a segunda seja excluída. Vem daí a instituição dos templos e dos santuários: são parcelas de espaço reservadas às coisas e aos seres sagrados e que lhes servem de moradias; porque não podem se estabelecer em terra senão com a condição de se apropriar totalmente dela num raio determinado⁴⁴.

Nessa separação da vida religiosa e da vida profana, observamos o *blues* como um produto musical dos negros americanos, que no seu nascimento já demarcavam os espaços e os limites entre o sagrado e o profano. Ocorreram gritos por libertação dos negros com o *blues* e com o *gospel* que ainda hoje ecoam com o *rock*. Podemos verificar que as bandas de *rock* cristão, as bandas de *rock* secular e até mesmo as bandas de *rock* satânico buscam por libertação de algo que os prenda, rotule, estigmatize ou imprima algum traço, mesmo que seja apenas ideológico. Os eventos com bandas de *rock* em igrejas e comunidades *undergrounds*, grandes festivais e concertos de *rock* espalhados pelo mundo mostram não apenas a separação quanto ao uso desse estilo musical no contexto religioso e secular, mas principalmente seu poder socializador e festivo, em ambos os contextos. “Da mesma forma, a vida religiosa e a vida profana não podem coexistir nas mesmas unidades de tempo. É, pois, necessário destinar à primeira dias ou períodos determinados dos quais todas as ocupações profanas sejam eliminadas. Foi assim que surgiram as festas”⁴⁵.

O que percebemos é que o *rock* tem a capacidade, desde o seu nascimento, de fazer leituras de sofrimento, opressão, desumanização e injustiça. Essas leituras acerca das instituições sociais, como produtoras

⁴⁴ DURKHEIM, 1989, p. 373

⁴⁵ DURKHEIM, 1989, p. 373

de tantas mazelas, foram também feitas não só no contexto profano, mas também no sagrado, apontando para contextos religiosos distintos ou até mesmo aparentemente antagônicos, que se apresentam em ambos os casos como uma mesma cosmovisão e respostas para os dilemas existenciais de nossos dias.

O *rock* no diálogo inter-religioso e intercultural

Durante vários séculos, o contato inter-religioso e intercultural ocorreu entre os povos nos continentes, etnias, tribos, culturas, costumes e religiões. Atualmente, ele se faz necessário devido ao crescimento de discursos que propagam o etnocentrismo, a xenofobia, os fundamentalismos religiosos e a aporofobia. Nesse arcabouço com discursos de ódio e intolerância, que perpassam não apenas o discurso religioso atual, infelizmente ocorre em outras áreas da vida, como no campo político, cultural, social e econômico. O diálogo se apresenta como uma ferramenta primordial para combater todo tipo de desumanização que ocorre nas e entre as religiões, culturas e raças. No período veterotestamentário, após o relato bíblico do dilúvio, a descendência de Noé com seus filhos Sem, Cão e Jafé povoaram toda a terra (Gn 10,1-32)⁴⁶. Nesse capítulo de Gênesis está a origem de todas as nações que se estabeleceram a partir de Noé. Notamos que o contato entre religiões e culturas é descrito na Bíblia com o contato de Israel com culturas diferentes.

O contato entre povos vizinhos era intenso, e algumas vezes o povo de Israel se viu obrigado a imigrar, devido as causas naturais, como a falta de chuva, que acabava gerando a falta de alimentos. A fome também gerava problemas sociais, entre eles a imigração para outras nações como o Egito (Gênesis 12)⁴⁷, (Gênesis 42)⁴⁸. Nesses dois capítulos de Gênesis, percebemos primeiro, Abraão saindo de sua terra para o Egito, devido à grande fome que ocorria em Canaã; depois é a vez de Jacó fazer o mesmo percurso. Posteriormente, o contexto que era de sobrevivência

⁴⁶ BÍBLIA Sagrada Revista e Corrigida. São Paulo: SBB, 2013.

⁴⁷ BÍBLIA Sagrada Revista e Corrigida. São Paulo: SBB, 2013.

⁴⁸ BÍBLIA Sagrada Revista e Corrigida. São Paulo: SBB, 2013.

e busca por alimentos, se tornou uma vida de escravidão e opressão em terra estrangeira. Moisés é designado por Deus, para libertar o povo de Israel da servidão no Egito. Tanto o contexto de escravidão no Egito, quanto a saída para Canaã, mostram percursos em que o contato com outros povos e nações eram inevitáveis para Israel.

E disse o Senhor: Tenho visto atentamente a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheci as suas dores. Portanto desci para livrá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra, a uma terra boa e larga, a uma terra que mana leite e mel; ao lugar do cananeu, e do heteu, e do amorreu, e do perizeu, e do heveu, e do jebuseu. E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel é vindo a mim, e também tenho visto a opressão com que os egípcios os oprimem. (Êxodo 3. 7-9)⁴⁹.

Verificamos que vários relatos bíblicos descrevem as trocas e apropriações de elementos religiosos e culturais entre os povos descritos na bíblia. Com o nascimento do *rock* não foi diferente, pois indica as junções culturais e religiosas dos povos da África, América e Europa. A princípio com os índios americanos, que habitavam as terras chamadas de América e depois com a chegada dos brancos e negros ao continente. A colonização que ocorreu a partir do século XVI, com o domínio da Europa sobre o continente africano, americano e em outras partes do mundo, mostram como era o espírito de conquista por novas terras e povos pelos colonizadores.

O *rock* como estilo musical foi o grito dos negros americanos em 1940, que ecoa ainda entre os jovens que estão nas mais variadas tribos urbanas dos grandes centros urbanos. Gritos de libertação que aconteciam no meio rural nas plantações de algodão, agora estão nas grandes metrópoles de todo o mundo. A pós-modernidade proporcionou e intensificou esse diálogo juvenil, entre as gerações, de forma a torna-lo regionalizado com o tribalismo.

De acordo com Maffesoli⁵⁰, o tribalismo ou tribalizações juvenis tiveram grande importância na socialização pós-moderna. Muitos jovens

⁴⁹ BÍBLIA Sagrada Revista e Corrigida. São Paulo: SBB, 2013.

⁵⁰ MAFFESOLI, 2010, p. 3-5.

se socializam em torno de objetos, ideologias, mesmos gostos ou sensações. Para ele, o tribalismo se apresenta em dois eixos principais, a saber com o “arcaico” e o tribalismo juvenil, com a sua dimensão comunitária nos relacionamentos sociais e com a saturação do conceito de “indivíduo”, que na sua visão constitui as raízes dos tribalismo pós-moderno. O retorno às bases com o arcaico e a saturação do conceito de indivíduo, retornam aos fundamentos e aos rudimentos de como as coisas são, o que proporciona relacionamentos sociais mais horizontais.

A cultura, para Maffesoli⁵¹, é outro conceito dual. Para o sociólogo existem duas culturas, uma dentro da outra. Ele apontou para os “proprietários da sociedade” como os que têm o poder de dizer o que fazer e são o “poder instituído”, nas diversas formas, ou seja, política, cultural, religiosa, social e econômica. O “poder instituído” na sua visão é o que toma as decisões longe da vida cotidiana e, assim, da realidade da maioria da população. Por outro lado, ele mostra a vida selvagem, anômica e desordenada, como uma “potência instituinte”. Esta última proporciona o tribalismo juvenil, pela sua fragmentação em redes de socialização e pelo inconformismo ao que é ditado pelo “poder instituído” como padrão cultural para a grande massa de pessoas.

A dualidade do tribalismo e da cultura, sinalizadas por Maffesoli, também foram observadas na Comunidade Caverna de Adulão com a resistência de outras igrejas em aceitar a forma como os pastores da comunidade acolhiam e incentivavam os jovens a se expressarem na linguagem específica das tribos urbanas *headbanger*, com o *rock* no início da comunidade. O tribalismo proporcionou a quebra da rigidez nos laços sociais e possibilitou novas redes de relacionamentos, nas quais o grupo social tornou-se cada vez mais dinâmico e orgânico: “O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda a vida social”⁵².

Nossa pesquisa mostra apenas o trabalho realizado pela Comunidade Caverna de Adulão, em Belo Horizonte, mas é bom ressaltar que inúmeras igrejas e comunidades *undergrounds*, realizam este tipo de trabalho com jovens e adolescentes e com pessoas de várias idades. O que

⁵¹ MAFFESOLI, 2010, p. 1.

⁵² MAFFESOLI, 2010, p. 11.

observamos é que este tipo de trabalho não está restrito apenas às grandes cidades do Brasil e do mundo, mas chegaram a cidades de médio e pequeno porte.

Outro fato que merece ser destacado é que no Brasil a primeira comunidade a desenvolver seus trabalhos para os jovens foi Comunidade S-8 na cidade de Niterói-RJ, no início da década de 1970. Para Baggio⁵³, a Comunidade S-8 foi a pioneira no Brasil a desenvolver seus trabalhos junto aos jovens, desafiando os padrões culturais e apoiando bandas com estilos próprios. Esta comunidade iniciou-se no ano de 1971, com reuniões de jovens que buscavam orientação para o tratamento do uso e abuso de drogas.

Vários problemas sociais têm levado comunidades e igrejas a darem respostas ao mundo, que está em constante transformação. Nessa situação de grandes transformações sociais, essa faixa etária juvenil sofre os grandes impactos da urbanização e do inchaço dos grandes centros urbanos, com a falta de oportunidade e a vulnerabilidade social em que ficam expostos, devido ao “crescimento da violência, das drogas, da promiscuidade, por haverem muitas cidades experimentado, em todo o mundo, uma explosão demográfica, trazendo consigo graves problemas, típicos de grandes metrópoles.”⁵⁴

Das igrejas mais conhecidas no Brasil, a Igreja Apostólica Renascer em Cristo, da capital paulista, que apesar de ter a sua origem nas camadas da classe média e alta, realizou vários trabalhos com as mais diversas tribos juvenis que estavam nos subúrbios no início da década de 1990. Conforme mostra Márcia Regina da Costa.

O *Christian Metal Force (CMF)*, originalmente fundada por Cláudio Tibério e que passou a fazer parte da Renascer no início dos anos noventa, teve suas atividades focadas exatamente para essas culturas juvenis. E, como forma de atrair essa juventude, deu um amplo espaço para as bandas de rock evangélicas por intermédio de um trabalho de reelaboração dos símbolos e linguagem do rock⁵⁵.

⁵³ BAGGIO, 1997, p. 72.

⁵⁴ RODRIGUES, 2007, p. 123.

⁵⁵ COSTA, Márcia Regina da. Os carecas de Cristo e as tribos urbanas do underground Evangélico. In: PAIS, José Machado, BLASS, Leila Maria da Silva. (Org.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 53.

No caso da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, apesar de ser muito conhecida no Brasil, ela é contemporânea à Comunidade Caverna de Adulão. Voltando a Comunidade Caverna de Adulão é fácil entender a preocupação dos pastores da comunidade. A efervescência em Belo Horizonte, entre as décadas de 80 e 90, com as mais variadas bandas de *rock* pesado já apontava para a capital mineira como celeiro de bandas de *rock*, com seus subgêneros. A gestação da Comunidade Caverna de Adulão teve início em 1992, quando alguns jovens, entre eles os pastores Fábio de Carvalho e Eduardo Lucas, despertaram para a necessidade de levar a mensagem do Evangelho aos roqueiros da tribo de *headbangers* em Belo Horizonte. O trabalho começou nas ruas e praças da cidade. Nesta época a cidade já era considerada a capital brasileira do *rock* pesado.

Essa preocupação é fácil de perceber, por ser Belo Horizonte, nessa época, considerada verdadeiro celeiro de bandas de estilos radicais, tais como o *Rock Progressivo*, *Rock Popular*, *Heavy Metal*, *Grind Core*, *Hard Core*, *Crossover*, *Punk Rock*, *Gótico* e *Grunge*, entre outros.⁵⁶

Na visão de Maffesoli, as tribalizações são características da pós-modernidade, pelo fato de apontarem para as maneiras como esses jovens vivem e expressam as mais variadas formas de socialização com o afeto, sentimento de pertencimento, prazer de estar juntos e o partilhar das mesmas emoções. Essa sociabilidade, também foi observada entre os jovens roqueiros no nascimento da Comunidade Caverna de Adulão. Ali, se estabeleceu o diálogo entre a cultura e a religião, com o *rock* sendo o elemento unificador em suas práticas religiosas.

O fenômeno urbano, possibilitou as mais variadas formas de socialização, em que a individualidade e as diferenças se diluíram nas diversas formas de viver e ser na cidade. A cidade proporcionou essa liberdade para que as jovens gerações, se aglutinassem, justamente no prazer de estar juntos e para partilhar as mesmas experiências sociais.

⁵⁶ RODRIGUES, 2006, p. 130.

Ajudar-se mutuamente, encontrar novas formas de solidariedade, de generosidade, criar ocorrências caritativas, há tantas ocasiões para vibrar junto, para exprimir ruidosamente o prazer de estar-junto, ou, para retomar uma expressão trivial frequentemente nas novas gerações, para “gozar”. Expressão judiciosa no que ela ressalta bem o fim da forte identidade individual. Goza-se na efervescência musical, na histeria esportiva, no calor religioso, mas igualmente em uma ocasião caritativa, ou, ainda, em determinada explosão política⁵⁷.

Estas formas de “vibrar junto” e o “prazer de estar-junto”, sinalizam para a partilha dos iguais, com os mesmos desejos. As diversas manifestações culturais e religiosas na pós-modernidade mostram que as tribalizações estão abertas às mais variadas socializações. Ao receber os jovens que estão nas tribos urbanas *headbanger* com o *rock*, os líderes da Comunidade Caverna de Adulão demonstraram que estavam mais abertos a outras manifestações culturais, que não apenas àquelas próprias do contexto evangélico tradicional.

Maffesoli aponta para uma mudança na ocorrência das socializações, na qual o individualismo que era a base da modernidade abriu o caminho para uma socialidade em direção ao outro. Essa transição do individualismo na modernidade para o coletivo pós-moderno aponta para as manifestações sociais e para o partilhamento cultural e religioso: “Basta ver a importância da moda, do instinto de imitação, das pulsões gregárias de todos os tipos, das múltiplas histerias coletivas, dos agrupamentos musicais, esportivos, religiosos, dos quais tenho frequentemente falado, para se convencer do contrário”⁵⁸.

Essas variadas formas de sociabilidade na atualidade, descritas por Maffesoli, foram também observadas no âmbito religioso contemporâneo, pois o fiel pode não apenas construir de forma eletiva seus mais variados laços sociais, como faz seu próprio percurso na escolha dos objetos religiosos, na crença e na espiritualidade que se apresenta cada vez mais de forma alternativa. Isso foi observado no início da Comunidade Caverna de Adulão, quando o *rock* se tornou o elemento de interação social e religiosa junto às tribos urbanas e realizou a função de ajuntamento

⁵⁷ MAFFESOLI, 2010, p. 18.

⁵⁸ MAFFESOLI, 2010, p. 12

dentro desses grupos. Essa coletividade participativa, foi o que Maffesoli denominou como tribos urbanas: “Em face da anemia existencial suscitada por um social racionalizado demais, as tribos urbanas salientam a urgência de uma sociedade empática: partilha das emoções, partilha dos afetos”⁵⁹.

A utilização do *rock* como objeto sagrado teve uma maior abertura a partir da década de 90, onde as tribos urbanas se tornaram mais ecléticas e menos radicais. O *rock* pesado, em especial o *Death Metal* e o *Black Metal*, se reinventaram dentro dos próprios estilos musicais como elementos “sagrados” para os seus adeptos, como prática de uma espiritualidade não religiosa e canal de ligação para alcançar o transcendente.

O que é fascinante aqui é a consistência com que o black metal buscou formas religiosas. O satanismo é substituído, não por um ateísmo materialista básico, mas com quase qualquer outra coisa: ocultismo, Nietzsche, paganismo, nazismo místico. Esse pluralismo religioso levanta a questão de saber se estas são apenas tentativas novas e interessantes de rebelião juvenil, ou se algo mais está se desenrolando. E, se o metal for atraído para os religiosos porque aspira a um objetivo semelhante? E se não estiver em oposição à religião, mas em competição com ela? No documentário de 2005 *Metal: A Headbanger's Journey* (*Metal: Uma Jornada Headbanger*), um fã é citado dizendo: “O heavy metal é um sacramento? Para algumas pessoas é. Se mantém as crianças vivas, se lhes dá esperança, se lhes dá um lugar para pertencer, se lhes dá uma sensação de transcendência, então é uma força espiritual e acredito que é um canal para Deus”⁶⁰.

Este “pluralismo religioso” fundamentado no *rock* e é a base para inúmeras cosmovisões, que vão muito além das letras, do visual e do ritmo extremo e brutal. Ele aponta para os aspectos religiosos e não religiosos, com uma espiritualidade não religiosa, que possibilita visões políticas, filosóficas, pagãs e ideológicas, o que torna o *rock* uma verdadeira religião para os seus seguidores, que dá sentido para a vida, com a esperança, pertencimento, força e ligação com o transcendente. Estes

⁵⁹ MAFFESOLI, 2010, p. 11

⁶⁰ ROBERTSON, 2010, p. 2.

aspectos, podem começar nas tribos urbanas *headbangers* com o ritual e a tradição e perdurar por toda a vida.

Se alguns gêneros da música *rock* se estabeleceram após a sua criação desde 1940, o que verificamos com o passar dos anos foi a criação de subgêneros de estilos, que pareciam sólidos no *rock*, bem como a mudança dos temas sobre satanismo, abordados nas letras das músicas de *Heavy Metal*, a partir de 1970, mais intensamente nos anos de 1980 com o *Black Metal*, para um politeísmo, com a introdução do paganismo que ocorreu a partir de 1990, com a segunda onda do *Black Metal*: “Tendo estabelecido essa ‘segunda onda do Black Metal’ pode propriamente ser caracterizada como pagã antes do que satânica, resta a pergunta do por que o paganismo é o seu tema geral”⁶¹.

Aceitando várias fusões de diferentes estilos musicais, aliados aos elementos sonoros e ideológicos já existentes, o que verificamos com essas narratividades com o *rock* em seu contexto histórico e no seu nascimento, foi que emergiram duas representações com o “profano” e “sagrado”. Essa dualidade, bem como a apropriação desse estilo musical a partir de 1950 pelos jovens, tem-se propagado até os dias atuais, com outras formas de crenças e significados multiformes, que podem ainda mudar a cada época e geração.

Não se trata, portanto, de apropriar-se de algo originalmente satânico para fins evangelísticos, mas sim de retomar algo que pertence a Deus, já que este seria o verdadeiro criador de todas as coisas. Nesta lógica, todas as coisas no mundo são neutras podendo tanto ser usadas para benefício de Deus ou de Satanás⁶².

Percebemos que o *rock*, em suas mais variadas manifestações nas tribalizações juvenis, ainda continua a produzir significados. Essa diversificação e multiformidade na sociabilidade, na visão de Maffesoli, teve início com a *Modernidade* e floresceu na *Pós-Modernidade* com o relacionamento mais aprofundado no interior dos grupos ou tribos nas cidades e nos grandes centros urbanos.

⁶¹ GRANHOLM, Kennet. “Sons of Northern Darkness”: Heathen Influences in Black Metal and Neofolk Music. *Nymen*, Leiden, v. 58, 2011, p. 534.

⁶² JUNGBLUT, 2007, p. 149.

A Modernidade, ao mesmo tempo que multiplicou a possibilidade das relações sociais, esvaziou-as, em parte, de todo conteúdo real. Essa foi, em particular, uma característica das metrópoles modernas. E sabemos que esse processo não contribuiu pouco para a solidão gregária sobre a qual tanto se tem falado. A Pós-Modernidade tende a favorecer, nas megalópoles contemporâneas, ao mesmo tempo o recolhimento do próprio grupo e um aprofundamento das relações no interior desses grupos⁶³.

Essas transformações tiveram impacto direto na vida dos jovens que estavam à margem da sociedade e de seus direitos. A pós-modernidade possibilitou especialmente aos jovens a condição de contestar e questionar as instituições e toda forma de poder que se institua como absoluto. As tribalizações juvenis também ajudaram na socialização nos grandes centros urbanos, com a partilha e com o sentimento de pertencimento entre os jovens. As novas formas de socialização se estabeleceram entre os jovens em Belo Horizonte, inclusive na esfera religiosa. As igrejas e comunidades evangélicas tradicionais não viam os elementos culturais com bons olhos, ainda menos as manifestações culturais desses jovens com a produção e com o consumo da música *rock* das tribos urbanas *headbangers*, que eram muito discriminadas na sociedade naquela época. No entanto, os líderes da Comunidade Caverna de Adulão, não apenas aceitaram esses jovens que pertenciam a tribo urbana *headbanger*, mas proporcionaram práticas religiosas que utilizassem o *rock*, tanto dentro da comunidade quanto fora, e ainda incentivaram a formação de bandas com os próprios jovens que ali se socializavam, o que demonstra o poder da música *rock* no diálogo inter-religioso e intercultural entre os jovens que estão nas tribos urbanas em nossos dias.

Considerações finais

Percebemos no percurso histórico feito nessa pesquisa que a história é feita de camadas ou teias que estão ligadas. O diálogo inter-religioso e intercultural com o *rock* como elemento socializador mostra essa força

⁶³ MAFFESOLI, 2010, p. 153.

das apropriações e ressignificações que a pós-modernidade proporciona, até mesmo no âmbito religioso aos seus fiéis para se expressarem em linguagem e cultura própria, como é o caso dos jovens que estão nas tribos urbanas *headbangers*. Muitas igrejas e comunidades, como a Caverna de Adulão, em Belo Horizonte, ao se apropriarem de elementos da cultura como o *rock* acabam retornando ao mesmo ponto de partida dos negros, ou seja, o diálogo inter-religioso e intercultural. Essa celebração da conjugação, do mestiço, da diversidade e da pluralidade aponta para as redes e teias sociais, que tem o poder de aglutinar e amalgamar as pessoas entre si e, também, com o espaço físico, descrito por Maffesoli como “enraizamento dinâmico”.

Esse “enraizamento dinâmico” se encontra na origem de todas as manifestações contemporâneas que celebram o território, os produtos da região, os festivais folclóricos, as lendas locais e as encenações históricas de um determinado fato importante, de um determinado personagem famoso da região, cidade ou cantão. O localismo, em seu sentido forte, é um componente da pós-modernidade⁶⁴.

A cidade ou qualquer localidade passa a ter um destaque especial pelo fato das tribalizações ocorrerem a partir do uso do espaço físico, como meio de socialização entre os diversos grupos, que interagem e fazem uso do mesmo *habitat*. “Assim, nossas cidades não passariam de pontuação de lugares, às vezes de ‘pontos importantes’ onde vão encontrar-se as tribos – musical, esportiva, cultural, sexual, religiosa. E isso para celebrar o gosto que serve de cimento a cada uma das tribos”⁶⁵. Observando as considerações de Maffesoli quanto ao tribalismo, vemos que ele traz novas possibilidades de socialização na pós-modernidade e o *rock*, nesse caso, desempenha um papel socializador nas tribos urbanas *headbanger* na música, na cultura e na religião, com novas formas de espiritualidade e práticas religiosas para esses jovens. Muitas igrejas e comunidades, como a Comunidade Caverna de Adulão, utilizam as mais variadas formas em suas expressões culturais e nas práticas religiosas.

⁶⁴ MAFFESOLI, 2012, p. 7.

⁶⁵ MAFFESOLI, 2012, p. 50.

As diferentes tribos urbanas se expressam com linguagem contextualizada suas práticas religiosas e suas espiritualidades alternativas. A música *rock* se tornou uma das possibilidades dialogais das *pequenas narrativas* nas práticas religiosas e culturais frente aos *grandes relatos* na pós-modernidade.

Referências

- BAGGIO, Sandro. *Revolução na música gospel: um avivamento musical em nossos dias*. São Paulo: Exodus, 1997.
- BÍBLIA Sagrada Revista e Corrigida. São Paulo: SBB, 2013.
- BRANDINI, Valéria. *Cenários do Rock: mercado, produção e tendências no Brasil*. São Paulo: Olho D'água, 2004.
- CALVANI, Carlos Eduardo B. *Teologia e MPB*. São Paulo: Loyola, 1998.
- COSTA, Márcia Regina da. Os carecas de Cristo e as tribos urbanas do underground Evangélico. In: PAIS, José Machado, BLASS, Leila Maria da Silva. (Org.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 43-69.
- DURKHEIN, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1989.
- FRIEDLANDER, Paul. *Rock and Roll: uma história social*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- GRANHOLM, Kennet. "Sons of Northern Darkness": Heathen Influences in Black Metal and Neofolk Music. *Nyamen*, Leiden, v. 58, p. 514-544, 2011.
- JUNGBLUT, Airton Luiz. *A salvação pelo Rock: sobre a "cena underground" dos jovens evangélicos no Brasil*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 144-162, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872007000200007>. Acesso em: 28 out. 2018.
- MAFFESOLI, Michel. *El nomadismo: vagabundeos iniciáticos*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004a.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

- MAFFESOLI, Michel. *O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- MAFFESOLI, Michel. Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social. *Famecos*, Porto Alegre, v. 1, n. 23, 2004b. Disponível em: <<http://www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3247/2507>>. Acesso em: 13 abr. 2016.
- ROBERTSON, James. Death metal: A “pipeline to God”? *Social Science Research Council*. New York, 2010. Disponível em: <<http://tif.ssrc.org/2010/08/19/pipeline-to-god>>. Acesso em: 29 out. 2018.
- RODRIGUES, Flávio Lages. *A liberdade do Espírito na vida e no rock*. Rio de Janeiro: MK, 2007.
- RODRIGUES, Flávio Lages. Deus na música *rock*: uma visão ecológica dos grupos *headbanger's* e outros grupos juvenis na Comunidade Caverna de Adulão. In: PENNA, Heloísa Maria Moraes Moreira; AVELLAR, Júlia Batista Castilho de; CARVALHO, Rodrigo Ladeira. (Orgs.). *Deus(es) na literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2018a. p. 203-215.
- RODRIGUES, Flávio Lages. Igrejas e Comunidades *underground's*: novos modelos eclesiais? *Plura*, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 185-205, 2017. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1468/pdf_221>. Acesso em: 07 abr. 2019.
- RODRIGUES, Flávio Lages. *O fenômeno religioso entre os jovens nas tribos urbanas: uma análise da relação cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão - Belo Horizonte/MG*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018b.
- RODRIGUES, Flávio Lages. *O rock como estratégia de evangelização*. 2005. Monografia (Bacharel em Teologia) – Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte, 2005.
- RODRIGUES, Flávio Lages. O *rock* como possibilidade para uma espiritualidade não-religiosa. *Caminhos*, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 173-192, 2019. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/issue/view/315>>. Acesso em: 22 jul. 2019.
- RODRIGUES, Flávio Lages. *O rock na evangelização*. Rio de Janeiro: MK, 2006.
- RODRIGUES, Flávio Lages. *Os desafios para a igreja pregar o Evangelho na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: MK, 2018c.

RODRIGUES, Flávio Lages. Percurso histórico da Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte: novos modelos eclesiais? *Expedições*, Morrinhos, v. 9, n. 3, p. 71-90, 2018d. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/7660>. Acesso em: 22 jul. 2019.

SALINAS, Daniel; ESCOBAR, Samuel. *Pós-Modernidade: novos desafios à Fé Cristã*. São Paulo: ABU, 1999.